

## **O fogo e o patrimônio: aproximações e distanciamentos entre os incêndios do Museu Nacional e a Catedral Notre-Dame de Paris<sup>1</sup>.**

Mariane Aparecida do Nascimento Vieira<sup>2</sup>  
(Doutoranda do PPGAS/Museu Nacional/UFRJ)

**Palavras-Chave:** Desastre Patrimonial. Museu Nacional (Rio de Janeiro, Brasil). Catedral Notre-Dame de Paris (França).

### **Notas introdutórias**

O nosso cotidiano é constantemente atravessado por acontecimentos traduzidos em vocábulos como crise, desastre, catástrofe, que por sua vez envolvem diferentes naturezas de danos e causas. No processo de escrita deste trabalho, a capital do Líbano, Beirute, assistiu atônita uma explosão sentida a quilômetros de distância. As imagens desta explosão e do seu grau de destruição circularam pelo mundo e estão recentes em nossa memória, bem como as suas consequências.

Essa explosão causou mortes, explodiu patrimônios públicos e privados, acionou protocolos de gestão de risco e sensibilizou a comunidade internacional, que de prontidão ofereceu auxílio emergencial (CNN, 2020; RTP, 2020). Os efeitos catastróficos podem ser lidos a partir do conceito de *desastre*, que são “eventos críticos”, por excelência.

Veena Das (1995) ao se voltar para a sociedade indiana contemporânea selecionou alguns “eventos críticos”. Esses eventos irromperem o cotidiano provocando novas formas de ação. Os desastres ou eventos críticos apresentam certas características relacionadas às perdas que produzem, sendo humanas, materiais e econômicas, danos no meio ambiente e a pessoas (LÓPEZ-IBOR, 2005). O evento pode, ainda, ser analisado à luz de séries (BENSA, 2012) permitindo vislumbrar que um “evento crítico” nunca está

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

<sup>2</sup> Ao longo desse trabalho trarei um estudo comparativo inicial que pretendo aprofundar na minha tese de doutoramento. Agradeço as discussões que tenho travado com a comunidade do Museu Nacional e, em especial, Edmundo Pereira, Renata Menezes e Natália Maia, com os quais participo de pesquisas coletivas que se voltam para esses dois estudos de caso. As faltas e incongruências no texto são de minha inteira responsabilidade. Os recursos que recebi da Capes e da Wenner-Gren através de editais de auxílio do PPGAS e da bolsa da FAPERJ financiaram e financiam diferentes momentos desta pesquisa em curso.

isolado. Assim, compreendemos que, longe de ser uma fatalidade que assolou o Líbano, o desastre é signo da “sociedade de risco” em seu grau mais elevado, conforme assinalado por Ulrick Beck (2010).

O termo tem sua etimologia ligada a distúrbios de grande magnitude que seriam causados pela perda de uma “estrela protetora” (HUET, 2012), ou seja, o desalinhamento das estrelas fruto de agências cósmicas traria consequências catastróficas, que fugiriam do controle humano (LÓPEZ-IBOR, 2005). Os testemunhos documentados de desastres são variados e nos mostram que as sociedades sempre passaram por infortúnios; a diferença está no modo como estes são interpretados e que linha de ação é assumida para lidar com estas situações. Mary Del Priore (2003) reconstituiu as impressões e ações que seguiram o terremoto de Lisboa, ocorrido em 1755. Pela sua magnitude, este desastre pode ser considerado um marco – o terremoto foi seguido de um maremoto e uma série de incêndios que alastraram a destruição pela cidade. Ademais, outro fator que superdimensiona este acontecimento é a emergência de explicações não mais limitadas a interpretação religiosa (HUET, op. Cit.).

No entanto, a área temática “antropologia do desastre”, basilar para esse trabalho, parte de duas abordagens centrais, segundo Oliver-Smith (2009): 1) herdeira da Geografia, se volta para os impactos que o desastre causa no ambiente e nas comunidades; 2) a partir de um enfoque sociológico, destaca o impacto causado pelo desastre através das alterações em comportamentos individuais e comunitários.

Além das perdas, o desastre pressupõe ações para mitigar os seus danos e mobiliza emoções individual e coletivamente. Por último, pode apresentar diferentes grandezas e permitir escalas de análise distintas (BENSA, 1998). Neste trabalho, o foco está nos desastres patrimoniais e nas ações e emoções que provocam.

### **Patrimônio em risco**

A ideia de patrimônio, a princípio, vinculada à noção jurídica do direito romano se refere aos bens herdados por meio de herança (DESVALLÉS, MAIRESSE, 2014, p. 73). Entretanto, a ideia de que o patrimônio cultural é objeto de medidas de preservação e conservação está associada à Revolução Francesa, quando o “vandalismo” ameaçava a permanência de bens que passaram a ser entendidos como comunitários, e não mais propriedades da realeza, fidalguia e clero (CHOAY, 2006, p. 95).

Ao longo das décadas, a noção de patrimônio foi sendo alargada, transitando de uma associação direta aos monumentos para uma concepção que abarcasse a imaterialidade, o saber-fazer, os testemunhos<sup>3</sup>. À luz deste contexto, o patrimônio histórico pode ser definido como “um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum [...]” (CHOAY, 2006, p. 11).

O ponto de interseção entre o *desastre* e o *patrimônio* aqui apresentado parte de dois movimentos distintos. O primeiro surge no contexto pós Segunda Guerra Mundial, quando a ameaça de destruição do patrimônio europeu se concretizou. A destruição em proporções inimagináveis causada pela guerra trouxe como desdobramento a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e da sua agência especializada, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 1945. O destaque para esse órgão, em especial, está relacionado ao papel proeminente que assume na categorização e proteção do patrimônio mundial.

O segundo momento provém da intensificação da musealização que passou a dotar de proteção patrimonial as heranças do passado em proporções jamais vistas. Huyssen (2000) nomeou esse fenômeno de uma “cultura de memória”. Daniel Fabre (2013), ao identificar que na França a demanda de musealização estaria em plena expansão, sugere que a “era do patrimônio”, a partir da década de 1960, teria substituído a “era do monumento”. A nova era seria marcada pelo engajamento emocional coletivo mobilizando uma ação pública. Nesse contexto, o autor propõe o conceito “emoção patrimonial” (FABRE, 2013)<sup>4</sup>.

Ao longo deste trabalho, o enfoque estará em dois desastres patrimoniais como um meio de evidenciar a produção do risco e os tipos de ações coletivas que eventos críticos no patrimônio podem suscitar. Sendo eles, os incêndios do Museu Nacional (Rio de Janeiro, Brasil) e da Catedral de Notre-Dame (Paris, França). As informações difundidas pela cobertura midiática foram selecionadas em articulação com dados oriundos da observação participante nos eventos públicos realizados e despontados pelo

---

<sup>3</sup> Cf. FONSECA, 2005, sobre a trajetória da legislação e dos órgãos de proteção ao patrimônio no contexto brasileiro e; as convenções da UNESCO para uma cronologia da ampliação da noção de patrimônio: Convenção para a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural (1972); Convenção para salvaguarda do patrimônio cultural imaterial (2003).

<sup>4</sup>Daniel Fabre coordenou o programa de pesquisa denominado “Les émotions patrimoniales” no Laboratório de Antropologia, História e Instituição da Cultura no Institut interdisciplinaire d’anthropologie du contemporain (IIAC), entre 2000 e 2010.

Museu Nacional, desde o desastre. Dessa forma, o caso Francês ajudará a colocar em perspectiva o caso brasileiro, e vice-versa.

### **O que o fogo atingiu?**

O Museu Nacional ocupa o lócus de instituição científica brasileira pioneira, antecedendo a própria república<sup>5</sup>. Durante décadas sua sede funcionou no Campo de Santana<sup>6</sup>, até a transferência para o palácio de São Cristóvão, em 1892 (DANTAS, 2013). A casa real/imperial se transformou em local de pesquisa, colecionamento e ensino. Nesta casa, a instituição cresceu em coleções, atividades e corpo social, consolidando seu renome nacional e internacional. Em 2 de setembro de 2018, o palácio de São Cristóvão, principal edificação da instituição, teve todos os seus cômodos consumidos por chamas. Em consequência, as coleções salvaguardadas na edificação foram duramente atingidas, além do próprio palácio, que teve seu telhado e andares em grande parte destruídos pela ação conjunta de fogo, água e agentes químicos e biológicos.

Por sua vez, a catedral de Notre-Dame tem sua história inserida em um amplo espectro temporal, tendo sua construção iniciada em 1163 e concluída em 1345. A imponente construção gótica está localizada na área central de Paris. No decorrer dos séculos passou por diversas reformas, sendo a mais emblemática perpetrada por Viollet-le-Duc, que visou restaurar seu “resplendor” perdido diante da iconoclastia praticada durante a Revolução Francesa, ainda que fazendo uso de intervenções contraditórias na arquitetura. Em 15 de abril de 2019, enquanto passava por uma nova reforma, todo o telhado da catedral foi consumido por um incêndio. A estrutura do telhado era conhecida como “a floresta”, pois a sustentação era feita por vigas de árvores distintas. Essa macroestrutura era coberta por um telhado de chumbo, cujo centro estava adornado por uma torre em formato de flecha, construída no século XIX em substituição à original (PASSARELLES, 2015).

Dois incêndios acometeram na “era do patrimônio” instituições com mais de seiscentos anos de diferença, entendidas como de interesse da humanidade. A cobertura televisiva, em tempo real, permitiu acompanhar a cena de destruição, mas também, o

---

<sup>5</sup> D. João VI, em 6 de junho de 1818 assinou um decreto real determinando a criação de um museu.

<sup>6</sup> Atualmente a primeira sede do Museu Nacional abriga o Centro Cultural Museu Casa da Moeda do Brasil. Este centro cultural e museu recebeu a primeira exposição promovida pelo Museu Nacional após o incêndio, inaugurada em 17 de janeiro de 2019.

pós-desastre. Os contextos e seus desdobramentos gerados com estes incêndios serão acompanhados a partir três enfoques: 1) a noção de risco que precede o desastre; 2) a mobilização diante dos desastres patrimoniais e; 3) os projetos propostos. Este é um pequeno recorte diante da riqueza de debates que ambos os casos suscitam.

A catedral e o museu compartilham danos significativos em suas edificações neoclássica e gótica. Em relação às diferenças, o dano no interior do palácio carioca se estendeu pelas exposições, reservas técnicas, salas de ensino, laboratórios de pesquisa, repletos de espécimes, artefatos, mobiliários, equipamentos. Por sua vez, a catedral parisiense teve seu dano circunscrito à área do teto e de sua torre mais alta, representando inclusive o perigo de colapso de toda a construção.

De antemão, é importante destacar que este trabalho não tem como propósito realizar um relatório de perdas, tarefa hercúlea desempenhada de modo ilustre pelos servidores de cada instituição, mas apontar o que decorreu desses desastres patrimoniais nos termos da ação movida pela emoção.

### **Museu Nacional do Rio de Janeiro**

O palácio de São Cristóvão tem uma longa trajetória, assim como o próprio museu. Localizado em um loteamento que no setecentos pertenceu aos jesuítas, a Fazenda São Cristóvão foi adquirida pelo comerciante luso-libanês, Elie Antun Lubbus, em 1803. O comerciante construiu uma casa na fazenda, mas não chegou a residir ali, cedendo a residência à família real portuguesa após reformas, em 1809, recebendo como contrapartida vantagens comerciais e uma quantia em contos de réis. As reformas tiveram continuidade ao longo dos anos ampliando e transformando significativamente o palácio (DANTAS, 2013).

As funções da casa também sofreram mudanças. De moradia à sede do Congresso Nacional Constituinte, até receber o Museu Nacional, em 1892 (DANTAS, Op. Cit.), o palácio foi sendo adaptado. O crescimento do museu, que atualmente conta com seis departamentos, teve como correspondência uma disputa por espaço, acompanhada de uma ramificação das salas e um uso intensificado da rede elétrica. Enquanto prédio histórico, o palácio, adaptado para abrigar variadas funções, sofria assim da conjunção de falta de espaço e infraestrutura, conforme atestam documentos e falas oficiais do seu corpo social. Em 1982, em uma conferência, Luís de Castro Farias declarou: “Chegamos infelizmente a essa contingência: ou destruimos o palácio, isto é,

desfiguramos os seus aspectos monumentais, para poder acomodar o nosso pessoal e as nossas coleções, ou seremos destruídos como instituição” (FARIA, 1993, p. 79).

O desastre é antecedido pela noção de risco, o que pode ser ilustrado pela fala de Castro Faria alertando para a falta de recursos para a manutenção das edificações do museu e de espaço adequado para as coleções e atividades desempenhadas pelo corpo social. Como solução, Castro Faria indicou a necessidade de destinar o palácio apenas para as exposições e da construção de novas instalações para as demais atividades do museu.

O museu e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a qual o museu faz parte desde 1946, cientes do risco de incêndio no palácio, no aniversário de 200 anos do Museu Nacional assinaram um contrato com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) no valor de R\$ 28,5 milhões que deveriam se somar aos R\$ 24 milhões já investidos em projetos anteriores visando a revitalização da instituição. Essa verba seria destinada à recuperação do prédio histórico e seus acervos, à reforma da Biblioteca Central, à modernização e ampliação das exposições, revitalização do entorno, reorganização de setores, incluindo o deslocamento do acervo biológico para contêineres e instalação de um sistema de segurança voltado ao combate de incêndio e pânico, além da criação de um fundo patrimonial visando a sustentabilidade da instituição (BNDES, 2018)<sup>7</sup>.

No dia 2 de setembro de 2018, por volta das 19h, a mensagem de que o Museu Nacional estava em chamas começou a circular. A comunidade do museu se deslocou para o palácio na tentativa de retirar algo. Alguns membros entraram nas salas que ainda não estavam em chamas e salvaram espécimes, equipamentos e dados de pesquisa. A imagem do incêndio, o cheiro de queimado e o som de explosões davam a tônica do grau de destruição. Moradores dos arredores também viam as chamas coloridas (por conta da variedade de produtos químicos) se alastrarem. Papéis, etiquetas de metal e espécimes, antes reunidas de forma organizada nas coleções, voaram do palácio e alcançaram o chão e casas das redondezas. Em poucas horas, imagens de papéis chamuscados e besouros carbonizados começaram a circular na internet<sup>8</sup>.

Na manhã de segunda, 3 de setembro, enquanto os bombeiros continuavam apagando focos de incêndio, uma multidão tentava adentrar na Quinta da Boa Vista,

---

<sup>7</sup> A necessidade do deslocamento das coleções biológicas para contêineres decorre da conservação em líquidos inflamáveis de grande parte dos seus espécimes, o que representa risco de incêndio.

<sup>8</sup> O museu, por sua vez, divulgou durante a semana do desastre por suas redes sociais o recebimento, nas dependências da Biblioteca Central no Horto Botânico, do acervo disperso pelo vento.

sendo impedida pela Guarda Municipal, mas conseguindo romper a barreira posteriormente. À tarde, um grande número de pessoas se reuniu na Cinelândia, no centro do Rio de Janeiro, com a pauta de defesa da permanência do Museu Nacional na UFRJ e da educação pública. Na quinta-feira, 6 de setembro, a UFRJ promoveu uma plenária pública com a mesma pauta. Os atos mencionados fazem parte de uma série de manifestações pós-incêndio, evidenciando o grau de mobilização que o “evento crítico” despontou. A destruição, com toda sua carga dramática, havia acionado o grau de pertencimento à instituição.

Nesse cenário, o governo federal destinou 8 milhões para as obras emergenciais, através do Ministério da Educação, e criou a Agência Brasileira de Museus (Ofício nº 595, 2018). Esta última se tornaria responsável pela gestão dos bens da União e do Museu Nacional, que se apartaria da UFRJ. A agência substituiria o Instituto Brasileiro de Museus, mas isto não foi concretizado.

Os atos mencionados são simbólicos como um modo de retomar a agência da comunidade afetada pelo desastre através da ação pública auxiliando no combate a vulnerabilidades (OLIVER-SMITH, 2009, p. 26). A principal vulnerabilidade a tomar forma foi em termos da gestão universitária, apontada como principal responsável pelo desastre, o que viria a ser rebatido pelo laudo pericial da Polícia Federal divulgado em 2020. Dito de outro modo, os atos públicos foram importantes na defesa da permanência do museu na UFRJ. Um dos possíveis propulsores dessa mobilização é a difusão por diversos canais dos “tesouros” salvaguardados no museu e do número impactante de 20 milhões de itens potencialmente perdidos.

Mas, e a “emoção patrimonial”? Está presente desde as primeiras tentativas de salvamento do acervo do museu em meio ao incêndio, até a mobilização pública nos atos em defesa da instituição e da sua continuidade, o que ganhou fôlego com a frase de ordem “Museu Nacional Vive”, difundida pela comunidade visando contrapor a ideia de que o museu teria sido completamente destruído.

O museu recebeu homenagens de modos diversos. Crianças enviaram cartas relatando seu pesar diante do incêndio, mencionando obras na exposição que as marcaram e desejando visitá-lo no futuro (ALFANO, 2018). Duas espécies foram nomeadas em referência à instituição, a ver, o louva-a-deus “Vates Phoenix” da Mata Atlântica, rememorando a imagem da Fênix, ave que se renova diante das suas próprias cinzas (SÁ, 2020b), e o dinossauro “Aratasaurus musenacionali”, encontrado no Ceará (SÁ, 2020a).

Obras icônicas da coleção da instituição foram reproduzidas, inclusive utilizando cinzas do próprio museu como matéria-prima, caso das obras impressas pelo Instituto Nacional de Tecnologia e PUC-Rio que haviam sido escaneadas anteriormente em parceria com o Museu Nacional e a DASA (G1, 2019). O artista Vik Muniz criou, além das obras impressas, desenhos utilizando as cinzas, cujas vendas serão revertidas para instituição (GUIMARÃES, 2019). O Luthier e bombeiro que atuou no combate às chamas que serpentaram o Museu Nacional, Davi Lopes, em contrapartida, utilizou restos de madeiras do palácio para fazer um violão que será leiloado em um jantar beneficente, para que o valor arrecadado seja revertido para a reconstrução do museu (GOIS, 2020b).

O interesse pela história da instituição e do impacto do incêndio trouxe uma profusão de reportagens, documentários e intervenções artísticas. Caso do National Geographic, que criou uma série de vídeos para abordar a instituição e enfatizar suas coleções (GOES, 2018). O artista Thiago Rocha Pitta se inspirou no incêndio do Museu Nacional e escolheu o dia em que se completou dois anos da trágica data para inaugurar sua exposição no Museu de Arte Moderna (RJ), contando com uma escultura e vídeo.

Doações de objetos e coleções foram a outra face dessa mobilização. O agricultor Moacir da Silva Ayres declarou ter decidido doar sua coleção composta por 780 moedas para o Museu Nacional após acompanhar emocionado o incêndio pela televisão (BORGES, 2018). Kaimoti Kamayurá, da Aldeia Karajá de Hawaló, enviou uma *Ritxòkò* para contribuir com a reconstrução do acervo etnológico da instituição (MUSEU UFG, 2019). Os Karajá possuem uma parceria anterior com o museu e estavam representados em sua exposição de longa duração, com ênfase na sua plumária, no momento do incêndio.

Nesse breve percurso, a diversidade de manifestações referentes ao contexto pós-desastre do Museu Nacional ficou evidente. Ações que impactam diretamente na sua reconstrução, caso das obras vendidas para arrecadar recursos e da doação de acervo. No ponto em que a “emoção patrimonial” alcançou os cofres privados e públicos há uma grande disparidade.

O Museu Nacional recebeu auxílios pontuais de pessoas físicas, tendo a Associação Amigos do Museu Nacional (SAMN) contabilizado, entre 6 de setembro de 2018 e 31 de dezembro de 2019, o valor de R\$ 676.566,00 em doações através da



“Campanha SOS”<sup>9</sup>. A Biblioteca Francisca Keller do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, em seu empreendimento mais modesto de recomposição do acervo e da estrutura perdida com o incêndio, arrecadou R\$ 216.315,00<sup>10</sup>. Em termos de pessoa jurídica, destaca-se a parceria com a Fundação Vale, que destinará R\$ 50 milhões para o museu em parcelas.

Até março de 2020, o valor destinado para a reconstrução da instituição era de R\$ 164 milhões (LIMA, 2020), considerado a metade do necessário. Esse recurso comporta os R\$ 56,3 milhões arrecadados através de emendas parlamentares federais, R\$ 16 milhões que o Ministério da Educação forneceu para obras emergenciais e R\$ 21,7 milhões provenientes do BNDES, já cooptados antes do incêndio – e que teve parte do montante mantido para restauração da Biblioteca Central.

No final de 2019, o museu investiu em uma campanha para incentivar pessoas físicas a doarem 6% do seu imposto de renda para a instituição. Essa campanha visou disseminar a informação de que, embora a doação não abonasse o imposto, possibilitaria escolher o donatário.

A data marcante de 2 de setembro de 2020, dois anos após o desastre, trouxe um novo aporte de recursos com a designação de 20 milhões pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), que assinou o termo de doação em cerimônia restrita presencialmente e transmitida pelo canal da ALERJ no YouTube, em 19 de agosto de 2020. O governo alemão confirmou o repasse de 450 mil euros em um live promovida pelo Goeth Institut para discutir a reabertura dos museus, enquanto o Bradesco anunciou o aporte de R\$ 50 milhões de reais (GOIS, 2020a).

Esses recursos possibilitam a execução dos projetos de restauração, a construção de novas instalações no Campus anexo à Quinta da Boa Vista, além de virem acompanhados de uma nova estrutura de governança, intitulada “Museu Nacional Vive”.

Diante da junção de seus três andares em um único pavimento<sup>11</sup>, com exceções nos blocos 2 e 3, a instituição recuperou a proposta de destinar o palácio apenas para as exposições de longa e curta duração. Entretanto, o modo como ocorrerá essa ocupação

---

<sup>9</sup> Informação retirada da prestação de contas relativa ao ano de 2019, disponibilizada pela SAMN em seu site oficial.

<sup>10</sup> Através da campanha de benfeitoria “Livros vivos no museu”.

<sup>11</sup> Nesta imagem publicada pelo perfil do Museu Nacional em uma rede social é possível ver o pé direito do palácio contemplando atualmente em um pavimento, o que antes era dividido em três andares, <<encurtador.com.br/boA36>>. Acesso em: 26 ago 2020.

ainda não está definido, visto que os projetos arquitetônico e expositivo caminham juntos e estão em elaboração<sup>12</sup>. O que sabemos de antemão é que o projeto está sendo gestado através de uma parceria do museu com a UNESCO, que também acompanhará a execução desses mesmos projetos e que o público poderá opinar através de plataformas a serem divulgadas.

### **Catedral Notre-Dame de Paris**

A catedral de Notre-Dame passava por uma restauração quando foi acometida pelo fogo. A edificação é fruto do período de constituição das cidades – notadamente pelo ponto central que ocupa em Paris – e de um projeto católico do período medieval que envolvia o controle da ideia de futuro baseada na certeza do juízo final (Cf. Koselleck, 2006). Imortalizada no romance de Vitor Hugo, na segunda década do século XX, passaria a ser considerada em sua qualidade estética e valor artístico, à medida que adequa a ideia de “monumentos do passado”, nos termos de Choay (2006. p. 123), obtendo o título de patrimônio mundial da humanidade, conferido pela UNESCO.

A Notre-Dame de Paris apresentava visível deterioração, por conta do processo de erosão causado pela chuva e poluição, associado aos materiais de intervenções anteriores que não resistiram à ação do tempo e precisavam ser substituídos. Com o intuito de arrecadar os estimados US\$ 180 milhões de euros necessários para a sua restauração, foi criada a fundação *Friends of Notre-Dame de Paris*, em 2017. As atividades de restauração, estimadas em dez anos, se iniciaram em 2018 com a instalação de uma estrutura de aço, que foi montada com o objetivo de atingir a torre mais alta (LE PARISIEN, 2018).

Contudo, em 15 de abril de 2019, numa segunda-feira, por volta das 18h no horário de Paris, os transeuntes – muitos deles turistas – e os telespectadores acompanharam a ação das chamas na edificação histórica, acometendo sobretudo o telhado. O avanço do fogo danificou a estrutura de madeira conhecida como “a floresta” e o campanário da torre norte. Por outro lado, a água utilizada para apagar o incêndio

---

<sup>12</sup> Informações retiradas da mesa “Acervos e exposições: perspectivas para um novo museu – 202 anos” no webnário “Museu Nacional 202 Anos: [re] construindo horizontes”, em comemoração ao aniversário da instituição. A mesa contou com a participação da museóloga do Museu Nacional, Thaís Mayumi, do diretor do museu, Alexander Kellner e do representante da sociedade civil no Comitê Executivo do Projeto Museu Nacional Vive que instituiu uma nova estrutura de governança, Marcelo Araújo. A partir de 19 minutos e 30 segundos, Thaís explica a ocupação e restauração futura do prédio.

abalou as paredes da nave e o coro, danificando significativamente seu órgão e dois transeptos.

Apesar desse cenário desolador, os sinos e o icônico órgão puderam ser salvos (FRIENDS OF NOTRE DAME DE PARIS, 2020). As estátuas de cobre haviam sido retiradas na semana anterior para restauração (MINISTÈRE DE LA CULTURE, 2019). E as relíquias também saíram ilesas graças à ação conjunta dos bombeiros, prefeitura e profissionais da área de proteção ao patrimônio.

Très vite, guidés par les conservateurs du patrimoine, les pompiers sortent les oeuvres et les objets les plus importants du trésor de Notre-Dame: la Sainte Couronne (la couronne d'épines portée, selon la tradition, par Jésus-Christ lors de la Passion), un morceau de la croix, un clou de la crucifixion, ainsi qu'un morceau du fouet. La tunique de Saint-Louis a également été sauvée. «On a essayé avec l'aide des pompiers de saisir ce qu'on pouvait, confie un membre des services des monuments historiques. Les reliques les plus importantes ont d'abord été sorties.» Les pompiers, aidé parfois d'un conservateur bravant le feu, passent pas la sacristie, moins ravagée par les flammes pour atteindre les trésors (FONTAINE, 2019).

As relíquias, durante o incêndio, foram salvaguardadas em um cofre e posteriormente transferidas para o Museu do Louvre, com exceção das que se encontravam no galo em cima da torre e que foram consumidas pelo fogo (RIETH, 2019).

A catedral também conta com a presença de abelhas que sobreviveram ao incêndio e têm se tornado, assim como as demais colmeias da cidade, protagonistas em uma polêmica que mobilizou a comunidade. O incêndio, ao destruir o telhado, trouxe um agente invisível para a cidade de Paris: o chumbo. Conforme as chamas consumiam o telhado da catedral, estima-se que 400 toneladas de chumbo foram disseminadas pelos ares da capital francesa com a fumaça. Embora a prefeitura afirme que a contaminação não agride a saúde, sindicatos e associações se uniram para contestar esse diagnóstico, alegando negligência das autoridades. Entre as demandas, estaria o isolamento do canteiro de obras, o que foi desconsiderado em vista dos recursos necessários e da pressa em consolidar a catedral com risco de colapso (NEVES, 2019). Em meio a essa polêmica, o mel das abelhas que habitam a Notre-Dame e seu perímetro tem sido analisado para determinar o grau de contaminação de chumbo no ar da cidade (CNRS INSU, 2020).

Para além da contaminação, o incêndio despontou em promessas de recursos que atingiram um valor impressionante, visando sua reconstrução. Segundo o Ministério da Cultura da França, o montante prometido por um conjunto de doadores é considerado um marco, por não ter precedência em casos anteriores. Em termos de valores, as promessas de mecenas contabilizaram 922 milhões de euros, sendo que 110 milhões foram recebidos em 2019. Na visão do ministério,

*cette différence d'échelle et ce record historique s'expliquent par le symbole universel que représente la cathédrale Notre-Dame de Paris et l'attachement des Français et des étrangers à ce monument emblématique dont l'histoire est intimement liée aux grandes heures de la France (MINISTÈRE DE LA CULTURE, 2019).*

A doação para uma organização que seja de interesse público tem como contrapartida o abatimento de 66% do total a pagar no imposto de renda dentro do limite de 20% de reembolso. No caso das doações para a restauração da catedral Notre-Dame, o governo instituiu, através de uma lei, que doações de até mil euros teriam 75% de abono fiscal (Cf. RÉPUBLIQUE FRANÇAISE, 2020). Considerando os impostos na França, os abonos fiscais são um estímulo considerável às doações. A lei n° 2019-803, que alterou a tributação fiscal mencionada, também instituiu as bases para a restauração, ratificando a proposta do presidente Macron de concluí-la dentro de cinco anos.

O Ministério da Cultura francês também criou uma comissão responsável pela restauração, a ser conduzida pelo general Jean-Louis Georgelin. Por sua vez, o presidente francês propôs um concurso internacional visando a elaboração de projetos para reconstruir o telhado e a torre em formato de flecha, destruídos durante o incêndio. Escritórios de arquitetura de todo o mundo trouxeram alternativas inovadoras para a área afetada. O vidro se tornou o principal material elencado pelos arquitetos, aparecendo em vários projetos como a melhor opção para recomposição do telhado, em substituição ao chumbo.

O NAB Studio sugeriu um jardim suspenso utilizando madeira queimada do próprio telhado da catedral para fazer jardineiras e na torre uma estrutura pensada para abrigar as colmeias de abelhas. O BASE Paris, de maneira semelhante, propôs um jardim futurista inspirado no Éden. O russo Alexander Nerovnya elaborou um projeto mais fiel à estrutura original, apenas substituindo o uso de chumbo por vidro. Enquanto um estúdio brasileiro, Ajó Studio, desenhou um telhado de vitrais e uma agulha (a torre) idêntica à original.

As luzes apareceram como uma possibilidade de estender a grandiosidade da catedral. O escritório Vizum Atelier concebeu uma agulha que projetaria uma luz em direção ao céu e a agência Shorcut propôs compor a estrutura com canhões de luz. O arquiteto Mathieu Lehanneur, visando perpetuar a memória do incêndio, pensou em uma grande chama de carbono e folha de ouro. Já a empresa Ulf Mejergren Architects sugeriu uma piscina pública com vista panorâmica da cidade (Cf. os projetos em: MILNE, 2019; RFI, 2019).

O plano de restauração a ser executado em cinco anos e a possibilidade de uma abordagem contemporânea na reconstrução do telhado e da torre encontraram fortes opositores, entre eles o arquiteto-chefe Philippe Villeneuve. A discussão chegou a se desdobrar em um desentendimento com o general Jean-Louis Goergelin, a princípio, a favor da abordagem contemporânea (THE GUARDIAN, 2019). A polêmica foi resolvida com o anúncio do governo de que a restauração seguiria o formato e os materiais tais quais existentes antes do incêndio, seguindo as orientações de Villeneuve (BAVAREL, LEBRUN, 2020).

Este é um ponto importante, porque não se trata do original de 1345, mas da reforma elaborada e executada segundo as instruções de Viollet-le-Duc, à luz de concepções do dezenove, pois “tem a nostalgia do futuro, e não a do passado [...]. Reconstituindo um tipo, ele se mune de uma ferramenta didática que restitui ao objeto restaurado um valor histórico, mas não sua historicidade” (CHOAY, 2006, p. 158).

Entre os desafios da restauração proposta está a quantidade de madeira necessária para reconstituir “a floresta”. Segundo informação do site oficial da catedral, a estrutura conta com 100m de comprimento, 13m de largura na nave, 40m no transepto e 10m de altura. Uma das sugestões foi utilizar a madeira da floresta submersa de Gana como matéria-prima. De qualquer modo, o impacto ambiental para essa reconstrução com madeira é inegável, visto que “estima-se que 1,3 mil árvores, a maioria delas carvalhos, tenham sido abatidas ainda no século 12 para construir as simbólicas estruturas e torres da catedral” (AKINYEMI, 2019).

Cabe ressaltar que as minúcias da restauração ainda não foram divulgadas. Estão em curso a consolidação da edificação, a retirada dos andaimes colocados em 2018, que derreteram com o incêndio, e a restauração do grande órgão, após a retomada das atividades paralisadas por cerca de três meses devido ao avanço do contágio do COVID 19, conforme informação divulgada pela Associação responsável pelas obras e captação de recursos.

A catedral também inspirou documentários em seu pós-incêndio que nos permitem acompanhar os meandros da sua construção e entender o debate da sua restauração, como “Notre-Dame de Paris, l'épreuve des siècles”, dirigido por Emmanuel Blanchard. Assim como ocorrera com o documentário sobre o Museu Nacional realizado pela National Geographic, no caso francês a produção também ficou a cargo de uma emissora de televisão (France 2). De caráter ficcional, mostra em formato de desenho a construção através dos séculos e de gerações, mas também a reforma intervencionista realizada por Viollet-Le-Duc.

### **Caso a caso em diálogo**

A produção de risco pode ser explicada enquanto possibilidade latente da ocorrência de um desastre. Ao nos voltarmos para o museu e a catedral, ressaltamos que a noção de risco era tida como um dado que justificou demandas de restauração anteriores aos desastres, permanecendo em pauta. Em momentos diferentes, porém com desfechos igualmente trágicos, assistimos ao incêndio do Museu Nacional meses antes da aplicação da verba proveniente do acordo com o BNDES para melhoria das instalações do edifício, enquanto que a catedral de Notre-Dame de Paris foi tomada pelas chamas no momento em que atravessava uma grande reforma estrutural.

Os dois casos chamam a atenção para o fato de que desastres podem acontecer em qualquer lugar e tem como desdobramentos discussões sobre a permanência, sustentabilidade e papel dos patrimônios. Poderíamos ter acionado outros casos recentes, tais como o incêndio do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais, em 15 de junho de 2020, e o incêndio da catedral de São Pedro e São Paulo, em Nantes (França), em 18 de julho de 2020. Conforme ressaltado no início deste texto, as “séries” colocam em perspectivas os desastres. As séries não foram aprofundadas por uma questão de enfoque.

A cobertura midiática possibilitou que estes acontecimentos fossem acompanhados “ao vivo” durante os incêndios, bem como seus desdobramentos e respostas a esses desastres. As emoções provocadas pelos desastres em patrimônios singulares se desdobraram em ações, no plano institucional e para além dele, como índice do pertencimento público e comunitário para com o museu e a catedral.

Os debates acalorados em defesa desses patrimônios se estenderam para a discussão das restaurações e captação de recursos. As homenagens, doações e profusão

de produtos direcionados para estas instituições após o desastre – caso dos documentários, projetos de restauração para a catedral, objetos do Museu Nacional reproduzidos em 3D – funcionaram como índices do que o patrimônio pode mobilizar.

Quanto aos projetos despontados diante do dano aos patrimônios, se desenrolaram na dialética entre a perpetuação dos traços distintivos de cada edifício e a possibilidade de inovação. As respostas institucionais nos dois casos se aproximam com a criação de comissões, a mobilização de especialistas, a necessidade de recursos e de projetos a serem executados.

Contudo, não há como negar que o caso francês e brasileiro apresentam especificidades, tanto na dimensão dos danos, quanto no que tange aos recursos. O museu precisará repensar a recomposição de suas coleções e a restauração de seus três andares, enquanto a catedral se voltará, principalmente, para a consolidação e restauração de seu telhado, torre e órgão. A catedral mobilizou um volume de recursos para sua reconstrução infinitamente superior às doações recebidas pelo Museu Nacional. Entretanto, é preciso atentar para a taxação de impostos na França e as políticas de abono fiscal.

O exercício de colocar esses dois desastres patrimoniais lado a lado evidencia as políticas patrimoniais de cada país, a articulação entre o setor público, privado e a sociedade civil e o debate público acalorado suscitado por ambos. Os conceitos de “evento crítico” e “emoção patrimonial” aparecem como condutores profícuos do olhar sobre os contextos pós-desastre.

## **Referências Bibliográficas**

AKINYEMI, Aaron. A floresta submersa que pode ajudar a reconstruir catedral de Notre-Dame. *Terra* [Online], 7 out 2019. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/y4ts47bl>>>. Acesso em: 14 set 2020.

ALFANO, Bruno. Crianças mandam cartinhas ao Museu Nacional: 'Meu museu, lamento pelo incêndio. *Extra* [Online], 13 set 2018. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/yy2q6kd4>>>. Acesso em: 12 set 2020.

ASSEMBLEIA Legislativa do Rio de Janeiro. ALERJ repassa R\$ 20 milhões para reconstrução do Museu Nacional. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/yy3j8mpq>>>. Acesso em: 14 set 2020.

ASSOCIAÇÃO Amigos do Museu Nacional (SAMN). Demonstrações contábeis referentes aos exercícios findos 31 de dezembro de 2019 e de 2018 e relatório dos auditores independentes sobre as demonstrações contábeis. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/yyz4cxwd>>>. Acesso em: 27 ago 2020.

BAVAREL, Philippe; LEBRUN, Marie. La flèche de Notre-Dame de Paris será reconstruída à l'indéfini. *Le Parisien* [Online], 9 jul 2020. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/y5rz49jm>>>. Acesso em: 14 set 2020.

BECK, Ulrich. *Sociedade do Risco*. Rumo a uma outra modernidade. SP: Editora 34, 2010.

BENFEITORIA. Livros vivos no museu. Disponível em: <<<https://benfeitoria.com/livrosvivosnomuseu>>>. Acesso em 27 ago 2020.

BENSA, Alban. Da micro-história a uma antropologia crítica. In: Revel, Jacques (Org.). *Jogos de Escalas*. A experiência da microanálise. RJ: FGV, 1998.

\_\_\_\_\_. Les sciences sociales face a l'événement. In: *La Fin de l'Exotisme*. Essais d'Anthropologie Critique. Paris: Anacharsis, 2012.

BNDES. Contrato de Concessão de Colaboração Financeira Não-Reembolsável nº 17.2.0704.1, firmado entre o BNDES, a Associação Amigos do Museu Nacional e a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 5 jun 2018. Disponível em: <<<https://www.samn.org.br/transparencia>>>. Acesso em: 06 set 2020.

BORGES, Flávia. Cuiabano que vai doar 780 moedas que colecionou por 45 anos diz ter chorado ao ver incêndio no Museu Nacional do RJ. *GI* [Online], 25 out 2018. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/y4cqxsjf>>>. Acesso em: 12 set 2020.

BRASIL. Decreto de 06 de junho de 1818. Cria um Museu nesta Corte, e manda que elle seja estabelecido em um prédio do Campo de Santa'Anna que mande comparar e incorporar aos proprios da Corôa. In: *Collecção das Leis do Brazil de 1818*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CNN. Explosão em Beirute: o que se sabe até agora. Internacional, 05 de agosto de 2020 às 11:15. Disponível em: <<<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/08/05/explosao-em-beirute-o-que-se-sabe-ate-agora>>>. Acesso em: 20 ago 2020.



CNRS INSU. Les retombées de plomb liées à l'incendie de Notre-Dame cartographiées dans le miel. *Techno-Science* [Online], 8 set 2020. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/y237hlbb>>>. Acesso em: 8 set 2020.

DANTAS, Regina. M. M. C. Considerações sobre o Paço de São Cristóvão e o Museu Nacional. In: *Guia de Visitação ao Museu Nacional: Reflexões, Roteiros e Acessibilidade*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2013.

DAS, Veena. *Critical events*. An anthropological perspective on contemporary India. London: Oxford University Press, 1995.

DESVALLÉS, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de museologia*. Rio de Janeiro: Secretaria de Cultura, ICOM, 2014.

FABRE, Daniel (Dir.). *Émotions patrimoniales*. Ethnologie de la France Cahier 27. France, Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2013.

FARIA, Luiz de Castro. Museu Nacional- O espetáculo e a excelência. IN: *Antropologia: Espetáculo e Excelência*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Tempo Brasileiro, 1993.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Minc-Iphan, 2005.

FONTAINE, Caroline. Notre-Dame de Paris: comment les reliques du trésor ont été sauvées. *Paris Match* [Online], 16 abr 2019. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/y4l2jocm>>>. Acesso em: 13 set 2020.

FRIENDS of Notre-Dame de Paris. Disponível: <<<https://www.friendsofnotredamedeparis.org/>>> Acesso em: 13 set 2020.

GOES, Tony. Nat Geo explora história e tragédia do Museu Nacional. *Folha de São Paulo* [Online], 22 out 2018. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/yya9af7k>>>. Acesso em: 14 set 2020.

GOETH Institut. Reopening Museums – European and South American Perspectives. Disponível em: << <https://youtu.be/LMWYvTrpPs>>>> Acesso em: 14 set 2020.

GOIS, Ancelmo. Bradesco doa R\$ 50 milhões para reconstruir o Museu Nacional. *O Globo* [Online], 5 set 2020a. Disponível em: << <https://tinyurl.com/y3jtukmd>>>. Acesso em: 14 set 2020.

\_\_\_\_\_. Conheça o projeto 'Fênix', que transforma os destroços do Museu Nacional em arte. *O Globo* [Online], 13 jan 2020b. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/y5wg7282>>>. Acesso em: 14 set 2020.

GUIMARÃES, Saulo Pereira. Vik Muniz usa cinzas do Museu Nacional para criar obras em que reproduz peças perdidas em incêndio. *Extra* [Online], 2 dez 2019. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/y29eh6f9>>>. Acesso em: 14 set 2020.

HUET, Marie-Hélène. *The culture of disaster*. Chicago: University of Chicago Press, 2012.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IIAC. *Les émotions patrimoniales*. Disponível em: <<<https://www.iiac.cnrs.fr/article645.html>>>. Acesso em: 19 ago 2020.

Koselleck, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2006.

LE PARISIEN. Notre-Dame de Paris: une restauration hors-nome, 18 jun 2018. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/yx8tpwmk>>>. Acesso em: 14 set 2020.

LIMA, Tatiana. UFRJ assina acordo que cria governança para reforma do Museu Nacional. Disponível em <<<https://tinyurl.com/y3f5w8zv>>>. Acesso em 27 ago 2020.

LÓPEZ-IBOR, Juan. What is a disaster?, in: LÓPEZ-IBOR, Juan; CHRISTODOULOU, George; MAJ, Mario; SARTORIUS, Norman; OKASHA, Ahmed. *Disasters and Mental Health*. USA, New York: Wiley, 2005, p. 1 – 11.

MAM, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Programa Intervenções – Noite de abertura, 2020. Disponível em: <<https://www.mam.rio/programacao/programa-intervencoes-thiago-rocha-pitta/>>>. Acesso em 10 set 2020.

MILNE, Andrew. Notre-Dame de Paris: os 6 projetos de restauração mais criativos. *Explore France* [Online], 29 out 2019. Disponível em: 13 set 2020.

MINISTÈRE DE LA CULTURE. Notre-Dame de Paris: les enseignements à tirer d’une collecte sans précédent. 18 dez 2019. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/y44cfz7k>>>. Acesso em: 27 ago 2020.

MUSEU Antropológico (MA); Universidade Federal de Goiás. Professor Edmundo Pereira ministra curso de Coleções Antropológicas. *Museu UFG* [Online], 05 fev 2019. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/y46p7hdw>>>. Acesso em: 12 set 2020.

MUSEU Nacional. Acervos e exposições: perspectivas para um novo museu – 202 anos. Disponível em: <<<https://youtu.be/zJQfHt28myg>>>. Acesso em: 14 set 2020.

NEVES, Lucas. Contaminação por chumbo trava reconstrução de Notre-Dame. *Folha de São Paulo* [Online], 15 ago 2019. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/yfclxup>>>. Acesso em: 13 set 2020.

NOTRE-DAME DE PARIS, L'ÉPREUVE DES SIÈCLES. Direção: Emmanuel Blanchard Produção: Program 33, Circus, SolidAnim, AT-Doc. Paris: ARTE France Distribution, ARTE Éditions, 2019. Serviço de Streaming.

OFÍCIO N° 595/2018. MPV 850. *Câmara Federal*. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/y4bv6d7w>>>. Acesso em: 2 jul 2020.

OLIVER-SMITH, Anthony. Anthropology and the political economy of Disaster. In: JONES, Eric; MURPHY, Arthur (Eds.). *The political economy of hazards and disasters*. Toronto: Altamira Press, 2009.

PASSARELLE(S). La cathédrale Notre-Dame de Paris, 1163-1345. Paris, BnF, Direction de la diffusion culturelle, Éditions multimédias, 2015. Disponível em: <<[http://passerelles.bnf.fr/dossier/cathedrale\\_nd\\_paris\\_01.php](http://passerelles.bnf.fr/dossier/cathedrale_nd_paris_01.php)>>. Acesso em: 14 set 2020.

PEÇAS perdidas no Museu Nacional são reconstruídas em impressoras 3D, um ano após o incêndio. *GI* [Online], 2 set 2019. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/y4md3kjn>>>. Acesso em: 14 set 2020.

POLÍCIA Federal. PF conclui investigação sobre o incêndio que destruiu o Museu Nacional. 6 jul 2020. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/y6672vso>>>. Acesso em: 6 set 2020.

PRIORE, Mary Del. *O mal sobre a terra*. O terremoto de Lisboa de 1755. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

RÉPUBLIQUE Française. Loi n° 2019-803 du 29 juillet 2019 pour la conservation et la restauration de la cathédrale Notre-Dame de Paris et instituant une souscription nationale à cet effet. France: Légifrance, 2019.

\_\_\_\_\_. J'ai fait des dons à une association. Que puis-je déduire. 6 abr 2020. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/y6y876ln>>>. Acesso em: 6 set 2020.

RIETH, Benjamin. Incendie à Notre-Dame de Paris: de nombreux trésors menacés par les flammes. *BFMTV* [Online], 15 abr 2019. Disponível: <<<https://tinyurl.com/y5nlbp6d>>>. Acesso em: 13 set 2020.

RFI. Veja os projetos mais ousados para reconstituir a catedral Notre-Dame. 03 maio 2019. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/y5xzxnbf>>>. Acesso em: 13 set 2020.

RTP – Rádio e Televisão de Portugal. Líderes mundiais fazem reunião sobre ajuda ao Líbano. *Agencia Brasil* [Online], 08 ago 2020. Disponível em: <<<https://agenciabrasil.etc.com.br/internacional/noticia/2020-08/lideres-mundiais-fazem-reuniao-sobre-ajuda-ao-libano>>>. Acesso em: 20 ago 2020.

SÁ, Gabriel. Dinossauro ‘cearense’ batizado em homenagem ao Museu Nacional tem um parente na China. *National Geographic* [Online], 15 jul 2020a. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/y3mb2j78>>>. Acesso em: 14 set 2020.

\_\_\_\_\_. Pesquisadores batizam nova espécie de louva-a-deus da Mata Atlântica em homenagem ao Museu Nacional. *National Geographic* [Online], 28 jan 2020b. Disponível em: <<<https://tinyurl.com/y2cdj4p>>>. Acesso em: 14 set 2020.

THE GUARDIAN. Notre Dame fire: row as general tells architect to ‘shut his mouth’, 14 nov 2019. Disponível em: << <https://tinyurl.com/y5tgfu63>>>. Acesso em: 14 set 2020.

UNESCO. Sobre a ONU. Disponível em: <<<https://nacoesunidas.org/agencia/unesco/>>>. Acesso em: 14 set 2020.